

No jardim do Legislativo

Carolina Nogueira
Da equipe do **Correio**

Os 800 invasores ligados ao Movimento de Inquilinos Sem-Teto da Ceilândia estão enciumados. A aprovação do projeto de lei que regulariza a invasão da Estrutural, na última quarta-feira, foi um tapa na cara das famílias que há 53 dias passam dias e noites em precárias barracas de lona erguidas em frente à Câmara Legislativa. Debaixo das janelas dos deputados, os invasores vêm sendo solenemente ignorados pelos deputados.

“Ficamos felizes pelos moradores da Estrutural, mas estamos cansados de ser tratados com descaso”, reclama o líder do movimento, Elton Barbosa. O grupo pleiteia uma área no Setor de Indústrias, na QNR da Ceilândia, onde pretende abrigar até 10 mil famílias ligadas ao movimento. Eles já têm uma lista com cerca de cinco mil filiados.

Apesar da presença incômoda dos vizinhos, o presidente da Câmara, Gim Argello (PMDB), prefere não se envolver no assunto. “Não podemos resolver o problema deles, é do Executivo a responsabilidade de criar novos bairros. Por outro lado, não tem porque agir com violência. Na hora que cansarem, eles saem”, diz. O corredor da Câmara, deputado João de Deus (PMDB), é mais crítico. “Já é um absurdo deixar esse povo acampado aí na porta, quanto mais concordar com que seja dada uma área para eles, sem qualquer critério.”

Essa é a terceira invasão promovida pelos sem-teto de Ceilândia desde o início do ano. Primeiro, eles ocuparam a praça em frente à Administração Regional da cidade. Depois, instalaram-se na área da QNR. Em todos os episódios, as mesmas características: as ocupações duram cerca de um mês, os invasores têm um discurso rorizista (mas criticam o resto do governo) e o encerramento das manifestações é marcado pela visita do governador Joaquim Roriz. Ele

Ronaldo de Oliveira



NA ÚLTIMA SEMANA, MAIS CINQUENTA PESSOAS SE JUNTARAM AOS ANTIGOS INVASORES: VARAL E COZINHA FORAM IMPROVISADOS NO LOCAL

PERFIL

Líder acusado de desviar recursos

Elton Barbosa da Silva é o nome que está por trás das três invasões realizadas este ano pelo Movimento dos Inquilinos Sem-Teto da Ceilândia. Servidor concursado da Câ-

mara Legislativa, ele levantou a bandeira da moradia para no final do ano passado, depois de ganhar popularidade na presidência do Sindicato dos Servidores do Poder Legislativo e do Tribunal de Contas do Distrito Federal (Sindical). Elton criou uma cooperativa habitacional, enquanto esteve à frente do Sindical (de 1997 a maio deste ano). Recolhia dinheiro dos servidores para a

criação de uma “Cidade Legislativa”. O projeto, criticado por ambientalistas e pelo Ministério Público, não saiu do papel. Insatisfeitos, os servidores exigiram que Elton prestasse contas dos recursos arrecadados. Ele recusou-se e acabou destituído do sindicato. Hoje, responde a um processo administrativo por ter desviado verbas da associação de servidores.

valcante, 63. Distantes da família e da maior parte de seus pertences, os invasores reclamam da vida que levam no acampamento. Mas não admitem largar o movimento.

Há até quem fale em criar uma estrutura definitiva em frente à Câmara. “Vamos fazer uma cidade em frente à Câmara Legislativa, se for preciso”, ameaça Marileide Nunes de Sena, de 26 anos. Com o filho Raul, 3, no colo, ela mostra os efeitos de quase um ano de invasões. “Ele pegou uma micose embaixo do braço, mas a gente conseguiu remédio com os deputados.”

Os líderes do movimento planejam ficar na Câmara durante todo o recesso parlamentar. Até organizam uma festa de fim de ano. “Vamos esperar os deputados, no início do ano que vem, com nossos títulos de eleitor nas mãos. Deixaremos o acampamento direto para fazer campanha contra esses deputados”, afirmou Elton Barbosa.

sempre promete resolver o problema, mas não cumpre.

FILHOS DA INVASÃO

O grupo chegou à Câmara no final de outubro, com cerca de 200 representantes. Na última semana, pelo menos 50 pessoas se juntaram ao

grupo. Agora, já são cerca de 400 barracas. Apesar da infra-estrutura provisória, o acampamento tem varal, tonel para lavar roupa, cozinha — abastecida por doações da Feira dos Produtores da Ceilândia — e até “filhos da invasão”. No mês passado, duas mulheres grávidas saíram das

barracas direto para o hospital, onde nasceram os bebês — um casal de gêmeos e uma menina.

“Já somos uma família. Tenho 27 anos de inscrição na lista do governo e nunca me deram nada. Só assim, na marra, é que a gente consegue”, acredita Maria Santana Rodrigues Ca-